

# Ex-Ministro boliviano afirma que Brasil já está em hiperinflação

Telefoto "Diário Popular"

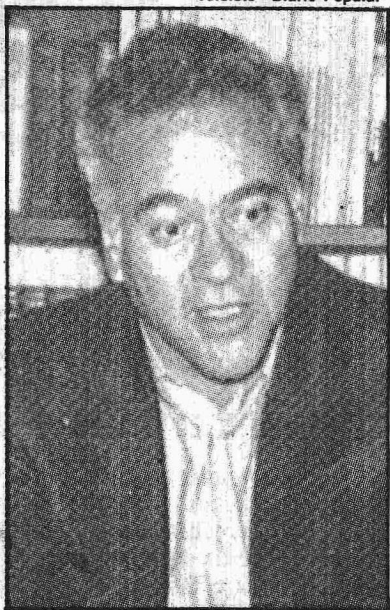
SÃO PAULO — O Brasil já está em hiperinflação, mas a população está tão acostumada com mecanismos de indexação que ainda não percebeu. A declaração é do organizador do plano de estabilização da Bolívia que deteve a hiperinflação naquele país, o ex-ministro do Planejamento Gonzalo Sánchez de Lozada. Em sua opinião, o empresário latino-americano vive do Estado e não quer perder esta proteção.

Lozada falou como convidado do Seminário Internacional "A Hiperinflação e o Futuro da América Latina", organizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, dissertou sobre o FMI e o custo social da hiperinflação na Bolívia. O ex-Ministro acha que o Governo deve deixar de proteger as indústrias e o sindicato e ter um câmbio estruturado de forma a que obrigue o País a competir.

— Os empresários argentinos e brasileiros vivem dizendo que não podem aceitar a competição estrangeira. Na Bolívia também diziam isso, mas fizemos o plano de estabilização e ninguém quebrou — acrescentou.

Segundo o ex-Ministro de Planejamento da Bolívia — que foi o mais votado nas eleições deste ano para a Presidência da República, mas não foi empossado pelo Congresso — seu país só não conseguiu crescimento de 4% ao ano, após o plano de estabilização, "em consequência dos choques externos que a Bolívia sofreu, com a queda de preço do petróleo, do estanho e da cocaína".

— A balança de pagamentos caiu 60%; as exportações passaram de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 600 mi-



**Lozada: indexação oculta inflação**

lhões. Desse total, 40% são exportados para a Argentina (contrato de fornecimento de gás), que ainda não nos pagou — explicou.

Para mostrar outro aspecto do plano, a socióloga boliviana Suzana Donnoso falou sobre impacto da recessão na população:

— O impacto mais forte é o desemprego. A população boliviana modificou as formas de consumo, que, hoje, se restringiram basicamente aos alimentos. Os níveis de pobreza subiram muito. Milhares de bolivianos deixaram de mandar os filhos à escola e de ir ao médico — afirmou a socióloga.